

Pós Modernidade - Aproximando-se da Reflexão*

Silvia Aparecida de Sousa**

"A modernidade é um momento no tempo histórico. A pós-modernidade um instante no espaço geográfico."

Armando Correa da Silva¹

O debate modernidade/pós-modernidade, a tentativa de caracterização, conceituação, delimitação de cada um estende-se desde há muito entre os cientistas sociais - sociólogos, geógrafos, historiadores, entre outros. Para os geógrafos no Brasil, este tema desperta interesse na década de 80².

Diversas concepções, não necessariamente divergentes, são apresentadas e o debate prossegue: vivemos a Pós-modernidade? Uma condição pós-moderna? Uma nova fase da Modernidade? Suas consequências? Estamos diante de um novo paradigma para as Ciências Sociais? E as relações espaço-tempo? Como entendê-las? Estas são algumas questões a partir das quais desenvolve-se este texto.

I - Modernidade

BERMAN (1992, p. 15) designa modernidade "...um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje." As experiências de que fala são expressas na literatura, arte, movimentos políticos e de idéias.

Esta concepção de modernidade refere-se a determinado período histórico-temporal e às relações de tempo e espaço estabelecidas entre pessoas, lugares e objetos. Tem início no século XVI e estende-se até este final de século. Corresponde a um conjunto

* Relatório final da disciplina EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA HUMANA, ministrado pelo Prof. Dr. ARMANDO CORREIA DA SILVA, no curso de Pós-Graduação em Geografia, segundo semestre de 1993.

** Mestranda no curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, desde 1993.

¹ SILVA, Armando C. Geografia, Modernidade e Pós-modernidade. Presidente Prudente, 1993. Inédito.

² Vide entre outros, os textos COSTA, Rogério H. "Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade." In: Terra Livre. São Paulo: Marco Zero/AGB, n.7, 1990, p.64-92., e GOMES, Paulo C.C. COSTA, Rogério H. "O espaço na modernidade." In: Terra Livre. São Paulo: Marco Zero/AGB, n.5, 1988, p.47-67.

de idéias, valores, conhecimento técnico que exprimem o desenvolvimento ágil e desenfreado, o efêmero, o novo e, as mudanças no tempo/espaço.

As mudanças são cada vez maiores e velozes e na tentativa de compreendê-las BERMAN divide a Modernidade em três fases:

"Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem idéia do que as atingiu." (P. 16). Rousseau é o mais expressivo pensador moderno deste período. A segunda fase começa com Revolução Francesa e estende-se até o século XIX. "Com a Revolução Francesa ... de maneira abrupta e dramática um grande e moderno público, partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política" (p. 16) que irão permitir que no século XIX se desenvolvam as idéias de modernismo e modernização.

A terceira fase estende-se pelo século XX em que "... o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo" (p. 17), e o modernismo na arte, literatura e arquitetura desdobra-se em várias tendências: ausente em relação aos sentimentos, inovador e irreverente com ênfase às performances, niilista negando as bases desse próprio movimento e "destruindo" as construções artísticas/literárias e arquitetônicas realizadas até então.

Estes novos padrões estéticos que surgem pós 1950 - e os envolvidos nele - denominados e denominando-se pós-modernistas são criticados por abandonarem a perspectiva histórica e cuidarem da vida moderna, as idéias e relações como se tudo fosse inovador, acabasse de ser inventado. Ao contrário disso, BERMAN (1991, p. 329) aponta que este conjunto de mudanças dizem respeito à própria modernidade em sua fase mais recente e propõe que para entendê-la e construir a modernidade do futuro devemos buscar as origens do modernismo.

II - Consequências

Esta preocupação parece ser também de outros autores. GIDDENS (1991, p. 25) fala do dinamismo da Modernidade como resultado da separação do tempo e do espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação/reordenação reflexiva das relações sociais. Estas seriam as características fundamentais da modernidade. As categorias que utiliza em sua análise são desencaixe, reflexividade, confiança e risco, para fundamentar a tese de que "... em vez de estarmos entrando num período de Pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da Modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes." (P. 13). Período em que os distanciamentos entre o local e o regional/mundial tornam-se cada vez maiores.

As consequências seriam a intensa fragmentação nas relações pessoais e a globalização das atividades econômicas e das informações. Para nós que vivemos este período, a confiança, a crença em pessoas ou sistemas aumenta já que cada vez mais nos inserimos em sistemas - os "sistemas peritos" - sem conhecê-los. Concomitantemente o risco também é maior.

Do que propõe interessa mais diretamente à Geografia a separação entre tempo e espaço como característica/consequência da modernidade. A desvinculação do tempo (e sua mensuração) ao lugar e ao espaço como uma das principais características da modernidade é condição para o processo de globalização atual.

Busca-se a unificação de economias a fim de torná-las ainda mais mundializadas, a inserção de novas regiões ao mercado mundial e com isto o distanciamento entre tempo e lugar. Concomitantemente a este processo, o retorno ao lugar, a valorização de culturas regionais, dos movimentos sociais e suas conquistas como expressão do local, do particular, é cada vez mais necessário, mas estão também inseridos em um movimento que é global.

A separação entre tempo e espaço como distanciamento entre tempo e lugar e a universalização do tempo influenciam nas organizações sociais e culturas regionais mas não conseguem eliminá-las. As horas para trabalho e refeições por exemplo seguem padrões locais e regionais, entretanto se observarmos com atenção veremos que há um padrão semelhante em nível mundial, especialmente ao que se refere aos dias de trabalho/feriados. Há um calendário com regras de nível mundial, e também definições nacionais e locais. "O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza." (GIDDENS: 1991, p. 27).

Malgrado a diferença entre os dois autores, os conceitos diferentes que utilizam para explicar este período, há concepções sobre as quais convergem. Ambos resistem à afirmação de que vivemos a Pós-modernidade. Vivemos sim em busca do novo, da modernização constante e desenfreada, de novos paradigmas e fundamentos epistemológicos, mas em condições de modernidade.

A Geografia preocupa-se com o espaço, com as relações que nele se estabelecem. Em condições de modernidade, as mudanças no espaço são cada vez mais velozes. A Geografia - e os Geógrafos - precisa então elaborar novos conceitos e categorias que deem conta de explicitar tal processo. Para isto recorre aos diversos métodos de abordagem.

Em sala de aula o que se faz é tentar elaborar estes conceitos quer seja ao nível de primeiro, segundo ou terceiro graus. A complexidade dos conceitos e categorias com que se trabalha é resultado do amadurecimento e discussões temáticas/conceituais, às quais são incorporadas reflexões, conceituações, experiências anteriores e, é claro, do(s)

método(s) de abordagem(ns). Fora da sala de aula, em reflexões e leituras, as questões são aprofundadas. O processo inverso a este também é parte da produção do conhecimento, com leituras e reflexões e mais tarde a discussão coletiva. O que importa ressaltar é que admito aqui que o conhecimento e o avanço teórico/metodológico e de conteúdos é coletivo e se faz coletivamente.

III - Condição Pós-Moderna

Pode-se dizer que o pós-modernismo, a que se fez referência no início do texto - a desconstrução na arte, literatura, arquitetura, o abandono dos "antigos" fundamentos epistemológicos, busca do novo, o niilismo, está inscrito na condição pós-moderna (SILVA, 1993). Esta "... manifesta-se na multiplicação dos centros de poder e de atividades e na dissolução de toda espécie de narrativa totalizante que afirma governar todo o complexo campo da atividade e da representação sociais."³ Isto implica em se verificar a importância das várias formas de representação e interpretação das relações sociais que se tem hoje nas ciências, nas formas urbanas, nas artes plásticas, cinema, televisão, na mídia em geral.

A pluralidade de representações torna-se uma constante como também o são as relações pessoais e econômicas num mundo externo e interno. O avanço tecnológico faz parte de um mundo externo, de relações inter-objetivas/subjetivas mas que atingem em diferentes níveis as relações intra-objetivas/subjetivas - o mundo interno.

A tecnologia define cada vez mais as relações com o mundo exterior. Vejamos o exemplo da informação. A produção e veiculação (distribuição) de informações, os fluxos, articulam pontos diversos no território, podendo até, através da tecnologia dos satélites e fibras óticas, ter alcance mundial. Assim, além de articular pontos no território, fornece elementos para que se estabeleçam relações entre grupos sociais diversos, aproximando-os ou distanciando-os pelo domínio técnico e informacional. A informação portanto, pode ser instrumento de dominação utilizada pelos centros múltiplos de poder.

O fato de ter um amplo alcance territorial, redefinindo também as relações espaciais, não significa unicidade nas mesmas. Aliás, uma das características deste período recente é o resgate do local, o indivíduo como categoria de análise.

As tecnologias têm alcance mundial mas chegam com intensidades diferentes nos diferentes locais. Entretanto, há pontos no território que concentram maior

³ CONNOR, 1989, p.13. apud SILVA, Armando. op. cit., s/paginação. Pode ser visto também em HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

número de tecnologias, pessoas e capital, em que as relações sócio-espaciais são mais velozes e atribuladas, onde as condições da pós-modernidade são mais perceptíveis.

HARVEY (1993, p. 77-85) faz referência às metrópoles e aos signos nela impressos, especialmente pela arquitetura que se diz de vanguarda mas que pouco altera os padrões modernistas.

GOTTDIENER (1993) fala em região metropolitana polinucleada para designar as formas recentes de assentamento urbano que fazem parte de um processo de desconcentração e estão articuladas mais pelas funções que desempenham que pelo contingente populacional.

"Existe agora uma população metropolitana distribuída e organizada em áreas regionais em permanente expansão, que são amorfas na forma, maciças no escopo e hierárquicas em sua escala de organização social" (14).

A hierarquia traz o conceito de redes, agora com a incorporação de outros elementos para dar conta das mudanças ocorridas no espaço⁴.

Estas noções, categorias e conceitos fazem parte do discurso geográfico há tempo, no que concordo com HARVEY (1993, p. 293-305) quando diz que as mudanças não são novas, estão apresentando apenas uma nova versão e ainda, que não há uma rígida distinção categórica entre modernismo e pós-modernismo.

IV - Considerações Finais

As questões pontuadas fazem parte do domínio da Geografia, embora não só discutidas por geógrafos.

Neste sentido, esta ciência face às mudanças recentes de comportamento ético e estético, de relações espaço-sócio-temporais; deve estar aberta aos vários discursos e variáveis, às várias abordagens que permitem leituras e interiorizações diferenciadas.

Nesta perspectiva, os fatos vão sendo incorporados e fazem parte da história de vida. A(s) abordagem(ns) definem a interiorização dos conceitos/conteúdos/questões. O que importa é a validade. Resta ainda muito a ser refletido e discutido sobre o vir-a-ser desta ciência.

⁴ Sobre este tema vide SANTOS, Milton. Os espaços da Globalização. e DIAS, Leila. Redes de informação, grandes organizações e ritmos de modernização. Anais. III Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, 1994. p.33-37 e 53-55.

Referências Bibliográficas

- 01 - BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade. 9a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 02 - COSTA, Rogério Haesbact. "Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade". In: Terra Livre. São Paulo: Marco Zero/AGB, n.7, p. 64-92, 1990.
- 03 - GIDDENS, Anthony. As consequências da Modernidade. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- 04 - GOMES, Paulo C. C. COSTA, Rogério H. "O espaço na modernidade". In: Terra Livre. São Paulo: Marco Zero/AGB, n.5, p. 47-67, 1988.
- 05 - GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo. EDUSP, 1993.
- 06 - HARVEY, David. A Condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993.
- 07 - SILVA, Armando C. Ontologia Analítica: Teoria e Método. São Paulo, 1991. Inédito.
- 08 - _____. Da apreensão do Conhecimento Geográfico. Uma aproximação do neo-behaviorismo. São Paulo. Inédito.
- 09 - _____. Sujeito e objeto e os problemas da análise. São Paulo. Inédito.
- 10 - _____. A Geografia e a nova subjetividade-objetividade. O real como representação de uma espacialidade singular. Apostila curso Epistemologia da Geografia Humana. Presidente Prudente, 1993. Inédito.
- 11 - Geografia, Modernidade e Pós-modernidade. Presidente Prudente, 1993. Inédito.
- 12 - Geografia. Pós-modernidade e subjetividade. Presidente Prudente, 1993. Inédito.
- 13 - Geografia, Pós-modernidade e cultura, Presidente Prudente, 1993. Inédito.